

Representatividade feminina no corpo docente do ensino da engenharia florestal no Brasil

Claudia Moster¹; Beatriz Queiroz de Marco²

1Engenheira Florestal, Doutora em Ecologia Aplicada, Professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/UFRRJ, Seropédica/RJ, claudiamoster@ufrj.br

2Graduanda em Engenharia Florestal, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/UFRRJ, Seropédica/RJ

Resumo

Foi realizado um levantamento do corpo docente nos cursos de Engenharia Florestal no Brasil, com o objetivo de identificar a representatividade das mulheres atuantes na formação profissional de ensino superior. O resultado indicou disparidade em relação aos cursos divulgados no MEC e instituições com dados disponíveis em ambiente virtual, resultando em 37 instituições utilizadas no levantamento. As regiões Norte e Sudeste apresentaram o maior número de opções, com a menor porcentagem de mulheres no corpo docente nesta última. No Nordeste, foi encontrada a instituição com maior representatividade feminina nos docentes, sendo obtido o valor de 33% para todo o Brasil.

Palavras-chave: Gênero. Academia. Ciência.

Introdução

Para atingir a igualdade de gênero na sociedade, é preciso adotar medidas na educação formal e informal, que propiciem mudanças nos estímulos para diferentes vocações individuais, em múltiplas áreas do conhecimento. A histórica trajetória de lutas e reivindicações femininas ainda não reverteu a exclusão em diversos setores, incluindo o meio acadêmico e científico.

Embora cerca de 54% dos estudantes de doutorado sejam mulheres, ocorre uma discrepância entre as áreas de atuação, predominando nas ciências biológicas. No entanto, elas representam menos de 25% de participação nas áreas das ciências exatas. Na Academia Brasileira de Ciências, as mulheres representam somente 14%. Na representação política, também é nítido o distanciamento da presença feminina, assim como em postos de liderança e destaque social. O termo invisibilidade tem sido utilizado para demonstrar que, na sociedade atual permanecem as restrições de gênero, evidenciadas pelos números apresentados, na diferença salarial, nas oportunidades de emprego, ou na distribuição das bolsas acadêmicas de pesquisa, mesmo com produção científica alta (DE NEGRI, 2019).

No meio acadêmico, o Brasil apresenta a maior porcentagem de artigos científicos assinados por mulheres na América Latina e na comunidade ibero-americana. Entre 2014 e 2017, o Brasil publicou cerca de 53,3 mil artigos, dos quais 72% são assinados por pesquisadoras mulheres (ALBORNOZ et al. 2018).

Durante o ano de 2021, foi realizada uma pesquisa sobre os cursos de graduação em Engenharia Florestal no Brasil, por meio do projeto de extensão “Mulheres nas Ciências Florestais” da UFRRJ. A motivação para o levantamento foi o resultado de entrevistas realizadas com mulheres atuantes na área florestal, de diferentes setores, que indicaram ser importante a figura feminina no corpo docente, como um estímulo à formação de referência e motivação às alunas de engenharia florestal. Assim, o objetivo do trabalho foi identificar a representatividade de mulheres no corpo docente dos cursos de Engenharia Florestal no Brasil.

Material e métodos

O estudo foi realizado durante o ano 2021, a partir do levantamento dos cursos de graduação em Engenharia Florestal cadastrados em atividade, por meio da plataforma de busca do Ministério da Educação do Brasil (MEC), denominada e-MEC (Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior, disponível em: <https://emec.mec.gov.br/>).

A partir da identificação das instituições de ensino superior, buscou-se informação referente ao corpo docente nas páginas virtuais dos cursos. Quando a informação não estava disponível, foi realizado contato, por correio eletrônico, com a secretaria da instituição ou diretamente com o responsável pela coordenação do curso, solicitando o número de docentes mulheres e o total de docentes atual.

Os dados resultantes da pesquisa foram agrupados por região (Norte, Nordeste, Centro Oeste, Sudeste e Sul) e depois analisados de forma a representar todos os cursos de Engenharia Florestal do Brasil.

Resultados e discussão

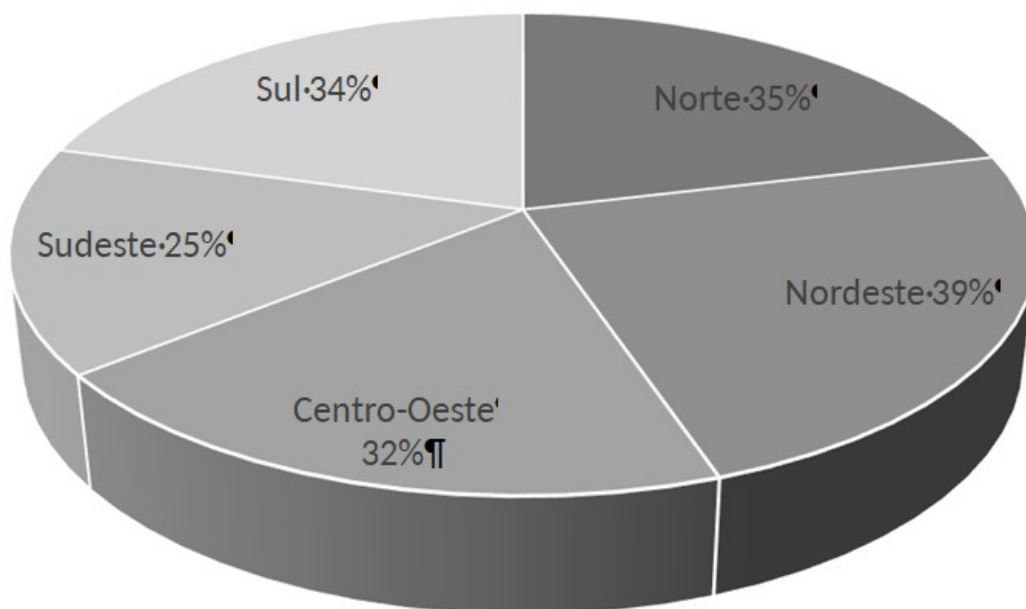
Embora o resultado obtido na plataforma do MEC apresentasse 74 cursos de Engenharia Florestal, somente foi possível encontrar dados disponíveis sobre 69 instituições. Em relação às informações sobre o corpo docente, por meio de página virtual ou contato por correio eletrônico, foram obtidas 37 respostas. A Tabela 1 apresenta o resultado dos cursos de Engenharia Florestal por região do Brasil, sendo Norte e Sudeste as regiões com o maior número de opções.

Tabela 1. Ensino superior com graduação em Engenharia Florestal no Brasil, utilizadas para o levantamento.

| Região | Quantidade |
|----------|------------|
| Nordeste | 12 |
| Norte | 17 |
| Oeste | 11 |
| Sudeste | 17 |
| Sul | 12 |

Na Figura 1, apresenta-se os resultados obtidos sobre a participação de mulheres no corpo docente por região brasileira, com destaque para o Nordeste, que apresentou resposta de 39% de representatividade feminina. Embora apresentem o maior número de cursos, a menor representatividade de mulheres foi encontrada no Sudeste, enquanto a região Norte correspondeu a 35% de participação feminina.

Figura 1. Representatividade feminina no corpo docente da Engenharia Florestal por região brasileira, nas instituições utilizadas para o levantamento.



Somente quatro cursos de engenharia florestal apresentaram uma representatividade mínima de 50% de mulheres no corpo docente (Universidade Federal de Goiás e Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva) com a maior ocorrência no Instituto Macapaense do Melhor Ensino Superior, Macapá - PA, com 89%, seguido da Universidade Federal de São João Del Rey, com 58%.

O número total de docentes (efetivos) também foi muito variável, apresentando o mínimo de 2, uma média de 21,8 e o máximo de 93 professores. A maior parte dos cursos apresentou 20 docentes com dedicação para o curso. Esse resultado pode ser devido à divulgação de dados não atualizados nas páginas virtuais, devido à dinâmica de contratações docentes, afastamentos, entre outras situações.

No total, o resultado foi de 266 mulheres em relação à 807 docentes de ensino superior. Ou seja, a representatividade feminina encontrada no corpo docente da Engenharia Florestal no Brasil, foi de 33%.

Conclusões

Os resultados desse levantamento demonstraram que, mesmo no ensino superior, ainda há uma disparidade entre homens e mulheres docentes na Engenharia Florestal, o que não difere da situação em outras áreas do conhecimento. Assim, acredita-se que todas as iniciativas para a busca da igualdade de gênero devem ser valorizadas e respeitadas, em todos os segmentos da sociedade, inclusive na educação e, principalmente, no meio acadêmico, que representa a formação de recursos humanos especializados.

Citações e Referências

- ALBORNOZ, M.; BARRERE, R.; MATAS, L.; OSORIO, L.; SOKIL, J. 2018. Las brechas de género en la producción científica Iberoamericana. Observatorio Iberoamericano de la Ciencia, la Tecnología y la Sociedad de la Organización de Estados Iberoamericanos (OCTS-OEI). **Papeles del Observatorio**, n. 9.
- ARAÚJO, D. F. M. S. O desafio da educação intercultural: teoria e prática a partir do processo formativo de professores dos anos iniciais do ensino fundamental da rede pública de Porto Seguro – BA. In: Escola da Defensoria Pública do Estado de São Paulo. São Paulo: EDEPE. **Cadernos da Defensoria Pública do Estado de São Paulo**, ano 03, v. 3, n. 8, 2018, 116p., p. 200 – 213.
- BANDEIRA, L. S. Coeducação e a presença da mulher na educação brasileira. In: **Educação e direitos humanos**. Alexnaldo Teixeira Rodrigues, Antonio Carlos Gomes Ferreira, Bruna Franceschini, Danielle Ferreira Medeiro da Silva de Araújo, Flávia Gimenes e Gabriela Soares Balestero (org.). Rio de Janeiro: Pembroke Collins, 2020, 336p., p. 313 – 318.
- CASAGRANDE, L. S.; SOUZA, A. M. F. L. 2016. Para além do gênero: mulheres e homens em engenharias e licenciaturas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 24(3): 398, setembro/dezembro/2016, 825-850.
- DE NEGRI, F. Women in Science: Still Invisible? In: Prusa, A.; Picanço, L. (eds). **A Snapshot of the Status of Women in Brazil: 2019**. Brazil Institute, Wilson Center, Washington, DC. Cap. 6, p. 18-19, 2019.
- FSC. 2016. **Promovendo a Igualdade de Gênero nos Padrões Nacionais de Manejo Florestal**. FSC-GUI-60-005 V1-0 PT.
- HENRIQUES, A. V. S. Direitos humanos e educação em direitos humanos. In: **Educação e direitos humanos**. Alexnaldo Teixeira Rodrigues, Antonio Carlos Gomes Ferreira, Bruna Franceschini, Danielle Ferreira Medeiro da Silva de Araújo, Flávia Gimenes e Gabriela Soares Balestero (org.). Rio de Janeiro: Pembroke Collins, 2020, 336p., p. 26- - 37.
- LINO, T. R.; MAYORGA, C. As mulheres como sujeitos da Ciência: uma análise da participação das mulheres na Ciência Moderna. **Sau. & Transf. Soc.**, ISSN 2178-7085, Florianópolis, v.7, n.3, p.96-107, 2016.
- LOMBARDI, M. R. 2006. Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 127, p. 173-202, jan./abr. 2006.
- MANFRE, C.; RUBIN, D. 2012. **Integrating Gender into Forestry Research: A Guide for CIFOR. Scientists and Programme Administrators**. CIFOR, Bogor, Indonesia.
- SILVA, F. F.; RIBEIRO, P. R. C. Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher”. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014.